

SENADOR APOLONIO SALLES
Vice-Presidente do Senado
1955

Israel, Jovem Nação Milenar



Fiz recentemente uma viagem ao Estado de Israel, com a missão especial de representar Excelentíssimo Senhor Presidente da República na solenidade de plantio das primeiras árvores da Floresta a que foi conferido, em homenagem ao Chefe do Governo Brasileiro, o nome de “Floresta Presidente Juscelino Kubitschek”. Não há dúvida de que foi esta solenidade o ponto culminante de minha estada naquele País. Recebi o que atribuo à missão que levava inequívocas manifestações de carinho e apreço do Governo e do povo de Israel. Desde minha chegada ao magnífico aeroporto de Lida, nada, absolutamente nada, faltou para que, na hora da grande solenidade, tivesse eu a compreensão do alto significado da homenagem que se ia prestar ao Brasil, perpetuando o nome do seu atual presidente nas montanhas lendárias da Judéia, na perenidade dos pinheirais frondosos que ali iriam brotar.

Apolonio Salles

Pouco mais de uma milha, à esquerda da estrada pavimentada que conduz de Tel-Aviv a Jerusalém, derramam-se as colinas pedregosas da Judéia. Os montes de terra de Sansão ondulam como dorsos de selácios pré-históricos, todos eríades de nódulos agressivos, em cujos desvãos se aninha a pelugem verde das árvores ainda novas ou recentemente plantadas. Lá no topo dessa paisagem evocativa se estende um planalto, em cujo derredor, florestas com nomes de ilustres estadistas de países democráticos assinalam a amiga predisposição de Israel para com as nações livre do mundo.

Nesse retábulo de paisagem situa-se a Floresta Juscelino Kubitschek. Mastros acenam bandeiras à brisa da tarde. O pavilhão brasileiro e o de Israel panejam naquela hora evocativa. Ministros de Estado, o Presidente do Legislativo, autoridades de todas as gamas, o honrado presidente do Fundo Judaico, escolas, turmas animosas de kibutzianos jovens, ouvem respeitosos o hino brasileiro que uma banda militar executa pela primeira vez naqueles sítios sagrados.

Tropas disciplinadas dão um cunho de reconquista da terra àquela cerimônia em que se reconquista de fato o solo, pela ocupação pacífica que as árvores vão fazer do terreno escasso. Brilham os oradores locais. De minha parte não escondo que com emoção poucas vezes igual terei falado em terra distante, sobre os sentimentos de fraternidade e admiração que o Brasil consagra às nações amigas do mundo democrático. Oxalá que a tradução dos intérpretes tenha feito sentir àquele admirável povo hebreu como arrebatadas eram as minhas expressões de admiração e simpatia.

E bem assim eram, porque a solenidade do plantio da floresta Kubitschek não se realizou no primeiro dia de minha chegada a Israel.

Escolas abrem o caminho para o progresso social e econômico

ELEVADA COMPREENSÃO – Retornara de uma excursão e demorada visita aos setores mais destacados da vida cultural, técnica e econômica da jovem e ao mesmo tempo milenar pátria israelita. Sentira e vira, como que até participara com o meu entusiasmo, de uma gigantesca realização humana que honra o povo de Israel e honra a humanidade livre, que bem se pode orgulhar de, neste século de utilitarismo, egoísmo e ambições, ainda poder contar com uma prova de tão elevada compreensão da vida do indivíduo como da vida e do papel humano de uma nação civilizada, em relação aos seus componentes e em relação ao mundo.

A UNIVERSIDADE – A minha primeira visita foi à Universidade, à nova Universidade que estava sendo construída na Jerusalém moderna. A casa antiga de cultura do povo hebreu localizada na parte mais velha da urbe ficara com o acesso cerceado pelos incômodos da transposição de fronteiras com a Jordânia. O povo jovem não dispensava, entretanto, uma instituição de cultura superior. Por isto já se erguem os novos pavilhões e, principalmente, já se professam as preleções nas amplas salas e se acumulam conhecimentos nos laboratórios e ambientes de ensino do novo estabelecimento. Pesquisadores e mestres se acotovelam. Sob a regência do emérito professor Mazar, a instituição atua nos prédios já construídos, dos 36 planejados. A pesquisa arqueológica conta com especial corpo de técnicos e investigadores e me foi dado ter sob meus olhos, em recinto convenientemente adaptado, a preciosa coleção de pergaminhos, há pouco achados nas grutas do Mar Morto, pergaminhos que se consideram das mais antigas comprovações dos textos bíblicos.

Igualmente interessou o Departamento de Botânica, onde os herbários ricos e bem dispostos conservam para o estudo de exemplares típicos da torturada flora regional. De passagem quero assinalar que a escola brasileira de arquitetura foi muito lembrada no planejamento e construção da nova Universidade que, aproveitando as linhas sóbrias e funcionais da arte moderna de construir, nem por isso deixou de aproveitar o material típico, conhecido pelo nome de “rochas de Jerusalém” para o aprimoramento e perenidade dos edifícios.

Com efeito, a pedra alva com nuances variadas até o creme escuro, é mais do que um motivo de decoração, é uma integração dos edifícios na paisagem estranha da velha e nova Jerusalém. A Universidade terá talvez o ápice de cultura a transmitir à juventude israelense, mas é de justiça que se aduza que outros institutos formam, ao lado desta, no campo cultural. O Politécnico de Haifa e o Instituto Weizman de Rehovot foram as duas principais instituições que visitei no decorrer de minha passagem em Jerusalém.

O POLITÉCNICO - O politécnico tem quase as mesmas proporções da Universidade quanto à amplitude, ao mesmo tempo sóbria e funcional dos edifícios e planos. O edifício principal está situado no topo da mais bela colina da cidade de Haifa, dedicado especialmente a pesquisa da ciência aeronáutica, enquanto os demais edifícios, como o de eletrônica, de mecânica e de hospedagem de acadêmicos, se espalham pelas encostas e pequenos vales.

Nem se esquecem os auditórios, avultando o que ainda em construção e será o edifício “Churchill”, sem dúvida impressionante pelas proporções e pelo papel que lhe ficou reservado de biblioteca e centro de conferências e divulgação. Mais de 1.000 alunos cursam os departamentos dessa instituição.

O INSTITUTO WEIZMAN – É o orgulho da nova ciência hebréia, perpetuando o trabalho, o espírito e a visão de Chaim Weizman, que foi, ao mesmo tempo, estadista e homem de ciências. Tem como programa uma rede de projetos diferentes em número superior a oitenta, distribuídos em dezoito departamentos e sessões várias no campo da física, da química e da biologia. Está construído em meio a um enorme

parque, melhor diria, estão construídos os seus pavilhões em meio de um parque colossal, em cujo bordo se anexa o Weizman Memorial, venerado por todos – como local em que se guardam os despojos de um dos estadistas mais ilustre e beneméritos.

O INSTITUTO WEIZMAN de ciências tem a sua história inteiramente ligada ao espírito realizador e pioneiro de seus fundadores. O seu embrião terá sido o Instituto de Pesquisas Sieff, fundado com recursos de membros da família Sieff de Rehovot, em abril de 1934. A esse Instituto, o cientista e estadista Weizman deu logo a sua contribuição pessoal e nele alimentou os seus largos planos de suprir pela ciência e pela técnica as deficiências que a sua pátria tinha que enfrentar, no tocante às riquezas agrônômicas e biológicas, ampliando-se no setor de sintéticos e da química. É conhecido o pensamento que norteava Weizman na sua paixão pela ciência. Dizia ele que num país tão pobre de recursos naturais, tão escasso em área, tão agitado pela angústia de espaço, sempre maior pela afluência de compatriotas, somente com o domínio da natureza pela ciência seria possível abrir caminho para o merecido progresso social e econômico: “Open de way to the economic and social progress”.

ABRIR CAMINHO – Quando, em 1944, amigos de Weizman, nos Estados Unidos, quiseram fazer-lhe uma homenagem especial por ocasião dos festejos dos seus setenta anos, consultando-o, receberam dele a resposta: “I want and I need nothing”, mas se quiserem fazer alguma coisa de meu maior agrado, promovam a expansão e o desenvolvimento do Instituto Sieff”.

A resposta foi o lançamento da primeira pedra do atual Instituto Weizman, já em 3 de junho de 1946. Dirigido por uma associação privada, possuindo comitês especializados e uma divisão esmerada das tarefas e responsabilidades, ali está instituída a maior concentração de cientistas do Próximo Oriente. Visitei laboratórios e campos, detendo-me ante a maravilha de um gigantesco cérebro eletrônico, que é uma célula central de todo aquele estranho organismo de investigação científica. Não quero deixar sem referência o Departamento de Biologia, principalmente no setor de pesquisas sobre o câncer. Ali, num rigor e escrúpulo insuperável, levam-se adiante ensaios biológicos sobre o terrível mal. Milhares de cobaias e ratos se criam e são submetidos a testes, cujas conclusões já vão abrindo clareira no intrincado problema. Não fora o receio de desbordar o campo técnico a que sou afeito, daria conhecimento de alguns dados colhidos ali graças a não sei quantas séries de investigações rigorosas.

O patrimônio cultural de um país sem analfabetos

O INSTITUTO WEIZMAN funciona bem ao lado da principal estação experimental agrícola do país, onde os trabalhos de genética se agrupam e se concentram na procura de variedades de plantas adaptadas à região. Contam já com alguns êxitos, como no caso da mamona anã e do sorgo, sem mencionar o intenso trabalho na adaptação de espécimes forrageiros.

É de notar que a experimentação agrícola não está confinada a este estabelecimento. Outros centros de investigação se espalham nas diversas zonas fisiográficas, como é o caso dos campos de experiência situados no vale do Hule, recém conquistados, graças a um intenso e ingente esforço de, pela drenagem, recuperar-se zona pantanosa cultivável.

PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS – Não se precisa ser grande observador para surpreender preocupações desta ordem em todas as camadas sociais com que se tenha contato em Israel. A arte e as ciências, estas tanto as de interesse imediato

como as de repercussão remota ou simplesmente de puro deleite espiritual, guardam um lugar privilegiado na administração. O culto pela arqueologia é em Israel uma coqueluche. Escavações se fazem em toda a parte onde a tradição e as indicações científicas justifiquem tal esforço. Os museus, pobremente instalados mas com riquíssimas coleções, se multiplicam. Cada objeto de arte ou de significação puramente evocativa de eras priscas, assume um caráter privilegiado – os visitantes (os compatriotas são os que mais frequentam as coleções) encontram ou procuram fragmentos de cerâmica, nas relíquias de ferro, nos vasos de vidro, nas estatuetas de mármore, arrancadas das entranhas da terra, páginas da própria história da humanidade que não se pode escrever ignorando, nem subestimando, a civilização que a Diáspora não empanou nem destruiu.

Em Akko, antiga Santa Joana d'Arc, por exemplo, visitei um museu localizado nas amplas salas e pátios de antigas termas. Hamman el Basha (significa “banhos do paxá”), construído em estilo árabe com seu pátio, suas salas e seus corredores, presta-se muito bem para uma disposição de objetos de arte e do museu, com facilidades para a visita e para estudos.

Poder-se-ia considerar o território de Israel como uma vasta pinacoteca, tantas as evocações de seus diversos sítios e tão generalizadas as pesquisas arqueológicas. Museu no solo e no subsolo. Os acidentes geográficos da novel pátria fixam paisagens que foram teatros dos mais espantosos acontecimentos, que culminaram com o maravilhoso mistério da Redenção. O seu subsolo confirma, nos tesouros que encerra, provas concretas de remotíssimo passado. Abrangendo desde a pré-história até o tempo das cruzadas e as façanhas de Napoleão, passando pelos períodos da civilização cananéia, época romana, ciclo bizantino da era cristã.

ASQUELON - Não posso deixar de fixar a significação das pesquisas feitas recentemente nos arredores de Asquelon. Vestígios da passagem romana pela velha cidade positavam-se nas estátuas encontradas de deuses romanos e, principalmente, num túmulo de família patricia, maravilhosamente conservado, em cujas paredes as pinturas, intactas umas, restauradas outras, apresentam aos contemporâneos os prodígios da arte antiga.

Não me privo de salientar as pinturas do teto. Comparo o colorido e a perfeição da face de uma deusa, que figura no centro do painel, aos dos mais festejados pintores mais recentes. Tão perfeito e expressivo o olhar da figura milenar que se tem a impressão que acompanha com olhar inteligente o observador, de qualquer ângulo em que se ponha.

Igualmente é de notar a ruína de uma casa romana, em que as dependências se percebem, não excluindo um poço de cerca de vinte metros de profundidade que, desobstruído, ainda acusa presença de água potável. Mais não admira, o que já se achou em Asquelon, cidade que já vem citada nos mais antigos documentos da história humana. Foi ela uma vila forte conquistada, 1.500 anos antes de Cristo, pelos faraós, teatro dos dias amargos de Sansão, que ali esteve preso, conforme relatam as páginas da bíblia.

E que dizer das escavações de Hatzor? Com uma equipe de garimpeiros de antiguidades, instalaram um acampamento moderadamente organizado. Vi mais de 50 especialistas cooperadores trabalhando sob as ordens de numerosos técnicos, numa faina quotidiana de lavagem dos fragmentos de cerâmica, trazidos em cestas, devidamente catalogados e fichados. Vi as turmas habilíssimas dos restauradores armando urnas, reparando ânforas, seriando objetos raros. Tudo como numa estranha mina em que o precioso nem sempre atrai as vistas dos garimpeiros e dos visitantes.

Repito sem medo de errar que Israel é um território/museu. Provavelmente com as credenciais históricas semelhantes às de velhas civilizações vizinhas não desaparecidas. Difere, entretanto, de outras nações talvez pela intensidade com que os responsáveis pela nova pátria teimam em trazer para a fruição da humanidade hodierna a surpresa das pesquisas intensas que estão fazendo.

Dá-se vida ao que jazia desconhecido ou relegado pelos anseios de cultura que ora agitam o grande povo. Encanta o interesse dos israelenses por tudo o que vem fazendo o Estado no que diz respeito ao patrimônio cultural do país.

CULTURA GENERALIZADA – Melhor diria: não é de admirar este interesse, isto porque tal entusiasmo e compreensão decorrem do fato de que o ensino atinge todas as camadas sociais do país. Atinge todos os graus, desde a pura alfabetização (Israel propriamente não tem analfabetos), até as instituições de ciência pura, como já assinalei momentos atrás, bem como às mais extremas manifestações de arte.

A cidade de Safed é um refúgio dos mais esquisitos talentos da pintura, justificando modos bizarros de viver. Dir-se-ia o paraíso dos que fazem das cores uma filosofia, do pincel um talismã a porejar felicidade.

Na música bem conhece o mundo o talento dos hebreus. Tive mesmo ensejo de presenciar uma demonstração inusitada de precocidade artística, assistindo um concerto regido por um rapazinho de 14 anos, num dos auditórios de Jerusalém, setor de Israel. Apresentava-se às exigências do público o jovem Daniel Baremboim regendo a orquestra sinfônica local, e, ao mesmo tempo executando difíceis números de Mozart ao piano. Sentia-se que a platéia apinhada estava num “suspense” de arrebentar os nervos. Temia-se que o extraordinário rapaz não dominasse a orquestra e num desencontro qualquer do pianista que com uma das mãos acenava, e com a outra feria em fugas espetaculares o teclado de marfim, ruísse a espetacular orquestração e a admirável harmonia do numeroso conjunto.

Tel-Aviv se orgulha de possuir o salão de concertos de melhor acústica do mundo.

O Mann Auditorium, inaugurado nos dias em que me encontrava em Israel, dispõe dos mais exigentes requisitos da técnica moderna, valendo-se de todas as conquistas científicas da época. Nos primeiros dias depois de inaugurado já guardava sob suas paredes a ressonância dos maravilhosos agudos de Yma Sumac, que o gosto da música e do “bel canto” da grande cidade fez contratar para uma temporada.

Uma elite intelectual dirige um grande povo

NÃO POSSO DEIXAR de me referir, como uma das mais eloquentes demonstrações do grau de cultura da jovem milenar nação, ao aspecto religioso.

Seria de supor que um Estado, constituído de um povo que se manteve unido nos seus ideais e nos seus sonhos durante os intermináveis séculos da dispersão, graças ao elo sagrado de uma crença e de uma norma de vida condensada em livros sagrados, agora liberto das agruras do exílio pela proteção de suas próprias fronteiras e da sua própria soberania, tivesse ímpetos de vingança, cultivasse a intolerância para com outras crenças, outros credos. Era de supor que a reação, tantos séculos sopitada, assumisse agora o paroxismo da insensatez que a paixão pode muitas vezes disfarçar e escurecer.

O BISPO DOM VERGANI – A verdade, entretanto, é muito outra. Tive ensejo de conversar com o Bispo de Haifa, Dom Vergani, figura exponencial do clero católico, cujo trato e simplicidade motivaram sentimentos de admiração e apreço; tive ensejo de ouvir dele os mais eloquentes elogios ao respeito com que o povo israelita admite e acompanha o movimento católico dentro de suas fronteiras.

Mesmo o culto público católico das procissões, acentuou Dom Vergani, não sofre qualquer constrangimento. Nunca os católicos, nestes 10 anos da existência do Estado, sofreram qualquer demonstração de desagrado ou menosprezo, de chacota ou de irrisão, quando, pelas ruas das populosas cidades ou minguadas vilas, os católicos exercem o seu direito de louvar a Deus sob o Deus da terra sagrada hoje sob a bandeira de Israel.

E, como pude observar, O Ministério da Cultura exerce, por parte do Estado, um benéfico papel, assegurando às religiões praticadas na nova pátria a liberdade que o espírito humano exige e a que tem irrefutável direito.

E não é fácil tal atitude numa nação pequena, densamente povoada, com representantes de agrupamentos humanos vindos de toda a parte pois costumes e temperamentos diferem.

O judaísmo, sendo menos uma religião do que um código de vida, bem poderia ocasionar reações insuportáveis para aqueles que não seguissem os preceitos rígidos de seus livros. Entretanto, colhi a impressão de que, se na Diáspora a tolerância se explicava como defesa, como hábil temporização de quem vivia em terra alheia, já na pátria, esta mesma e surpreendente compreensão para com os que professam credos diferentes tem suas raízes na alta formação intelectual, cultural e moral dos condutores do povo idealista.

UMA ELITE – De passagem foi esta a grande impressão que colhi de minha viagem a Israel: uma elite intelectual e moral, dirigindo um grande povo.

Conversei bem meia hora com o Presidente Isaac Ben Zvi, no seu rústico palácio de madeira. Estilização de uma cabana a evocar o passado humilde do estadista, historiador e homem de letras. Mais de uma vez fiz menção de retirar-me, sendo obstado pelo lúcido político. Fez uma análise das dificuldades em que se agita a humanidade na hora presente, quando as relações entre os povos vão sendo minadas pelas incompreensões de alguns e pelas insubmissões do homem aos eternos preceitos.

Escritor, historiador, curioso dos assuntos sociais, estendeu a sua conversa sobre o programa da conquista pacífica da terra pelo trabalho tecnicamente orientado e apaixonadamente executado pelo agricultor.

Num gesto cativante ofereceu-me um exemplar de sua última obra sobre as tribos israelitas, versão espanhola. Quando dele me despedi trouxe comigo o quadro de um cidadão idealista, na moldura de uma residência em que a simplicidade se aliava com o bom-gosto, e em que não se escondiam os pendores culturais e artísticos de um grande espírito.

GOLDA MEIR – Igual impressão teria a registrar a Sra. Golda Meir. Apesar de convalescente da gripe asiática, fez ela questão de me receber em sua residência de Ministra do Exterior. A repetição do estilo modesto e austero de quem vive somente para a pátria. Análise das relações entre Brasil e Israel, exame das dificuldades da hora presente para os grandes e pequenos países no mundo conturbado. Mas não faltou uma agradável menção à política exterior do Brasil sempre conciliadora, sem

subserviência. E uma referência elogiosa e enternecida à decisão do Brasil de apoiar a constituição do novo Estado israelense quando da atitude desassombrada do nosso ex-ministro Osvaldo Aranha na ONU, em 1948.

Para não me estender citando outros nomes de altas personalidades com quem tive contato, limito-me a referir o digno Senhor Presidente do Knesset, Senhor Josef Sprinzak. Ofereceu-me um almoço ao qual compareceram quase todos os ministros. Nunca vi tanta simplicidade no trato como a destes homens extraordinários. O discurso do presidente do Knesset bem como do vice-presidente Argov, em inglês, só os poderia classificar de diferentes. Não representavam e não repetiam os lugares comuns dos discursos parlamentares ou protocolares. Eram afirmações e ideias, a tradução do estado de espírito de um grupo de estadistas que tem sobre os ombros a tarefa de formar uma pátria para a posteridade.

MISSÃO PIONEIRA - Sem exagero, há nos meios oficiais de Israel uma consciência de missão pioneira reservada à geração que, há dez anos quase, teve a sorte de ser escolhida para a construção de uma pátria, milenarmente sonhada.

E não somente nos meios oficiais, mas também nas organizações kibutzianas como nas cooperativas, nas agremiações operárias, como nas entidades privadas. Os nomes das diversas organizações agrícolas consagram patronos de algum feito em prol da pátria. Um soldado que tombou, um cientista que desapareceu, um estudioso que empolgou os conterrâneos, deixam na perpetuidade dos seus nomes os exemplos para a mocidade que, em Israel, ao mesmo tempo em que se instrui, se educa e se arregimenta sob um único elo inquebrantável: o do amor à nova e torturada terra sob cujo céu se aspira a paz que a Diáspora nunca assegurou.

Não nos é lícito ignorar, os telegramas enchem as manchetes dos jornais, como é árdua a tarefa do novo estado, pressionado por todos os lados por controvérsias de política internacional a que não são estranhas diretrizes ideológicas. Mas Israel está ali, todo entregue a uma faina de paz e de cultura, sem que com isto se esqueçam os deveres de defesa do próprio solo. O agricultor israelense acarinha a terra sáfara, dando-lhe elementos para se tornar feraz.

Recobre-a com a roupagem verde das lavouras, que teima em lançar a custa dos maiores sacrifícios. Por isto ama a gleba, como amam os pais, que tratam com o maior desvelo os filhos a que a natureza negou o privilégio da saúde e da robustez.

MÍSTICA DA GLEBA – O israelense faz mais do que amar a terra assim cuidada. Toma-se de paixão e de mística pela gleba, numa reação de quem pressente queiram arrebatá-la.

O serviço militar obrigatório, atingindo até as moças de 18 anos, é uma decorrência das pressões externas que exigem a previsão da defesa. Mas é antes de mais nada o corolário desse entranhado amor à gleba que se defende com “bulldozers”, que terraceiam o solo contra a erosão, tanto quanto com as metralhadoras e as armas modernas.

Em certos sítios, as sebes de arame farpado não tem, somente, a missão do resguardo das lavouras contra os animais.

Infelizmente, nas proximidades das fronteiras, são também obstáculos a incursões, temíveis e possíveis, tal a atmosfera de agressão do Oriente Médio.

Não oculto o meu espanto de como se quer bem e se acarinha um solo, na aparência tão avaro, naquele país que percorri durante dez dias, sobre estradas asfaltadas e de ótimo traçado técnico. Cuida-se da terra como de um filho enfermiço a que nada se nega para restituir-lhe a robustez. Lavras profundas, subsolagem, terraceamento, recobrimento com “multch”, o marginamento com sebes vivas protetoras contra a erosão subterrânea, a drenagem de defesa contra a salga e por fim o umedecimento técnico das irrigações mecânicas, tudo são práticas que não se exercitam como tentativas dos pesquisadores de agronomia. Revelam-se sim, como recursos de que se valem os agricultores, grandes e pequenos, e explicarei mais tarde como entendo os pequenos agricultores de Israel, para que se obtenha da terra a retribuição de tanto carinho, em colheitas abundantes e seguras.

INVERTER NA AGRICULTURA – Acredita-se, e nisto encontro a diferença marcante da agricultura israelense quando a comparo com a nossa agricultura – acredita que vale a pena inverter em agricultura, tal como se investe em indústria, para que as colheitas recompensem. Dir-se-á que no Brasil ninguém duvida que valha a pena aplicar capitais na exploração agrícola. Mas só os técnicos. Ao contrário ou porque ainda existam “chances” de lavouras supervalorizadas ou de glebas de incrível fertilidade, ou porque fiquem indiferentes os meios consumidores, governos, meios culturais e cidadãos, à sorte de quem sobrevive na faina agrícola, a opinião generalizada é de que, no Brasil, em se plantando tudo dá; e em dando tudo, na agricultura se vive na abundância das grandes rendas e grandes lucros.

É por isto, claro que com as exceções costumeiras, é mais fácil encontrar aqui fazendas com prédios residenciais luxuosos do que com aparelhamento agrícola abundante ou mesmo modesto.

Tenho ouvido, sob o teto de palacetes de milhões de cruzeiros, as costumeiras lamentações contra as estiagens que não seriam de temer se fossem investidas iguais quantias nas instalações irrigatórias.

Aqui se invertem milhões para construção de açudes e se desdenha de gastar centenas para a construção dos canais indispensáveis para a movimentação útil da água.

Lá se luta em conquistar a terra, dentro das próprias fronteiras, não importam os sacrifícios e as enormes despesas.

Citarei apenas dois projetos, um para a conquista de glebas na aridez do deserto do Neguev, outro para a recuperação do solo do encharcamento na escassa zona úmida do Jordão.

A conquista de um deserto A revolução agrícola

NEGUEV é um semi-deserto que ocupa, praticamente, a metade dos 21 mil quilômetros quadrados do território do Israel de hoje.

Aí as precipitações pluviométricas mal passam de 400 milímetros anuais. Os dias de chuva somam 40 ou 50 dias por ano. Freqüência e intensidade insuficientes para qualquer lavoura estável e lucrativa. Para cultivar tamanha área, além dos trabalhos de sistematização do solo impunha-se o provimento de água. O recurso encontrado foi o Rio Yarkon, ao norte de Tel-Aviv, cuja vazão anual carrega para o mar 300 milhões de metros cúbicos de água improdutivo. Um projeto de aproveitamento dessa água foi

logo traçado e já está em plena execução. Teria o rio que ser todo ele disciplinado, 2/3 para irrigação e 1/3 para abastecimento urbano.

Uma fábrica de tubos de cimento ergue suas chaminés. Dela cotidianamente saem os tubos gigantes de 1,64m de diâmetro e agora já is de 1,77m.

A primeira seção do projeto está inteiramente pronta. Cento e oito quilômetros de tubulação de 1.64 m constituem-se a viga mestra desta primeira seção. Desta, bifurcam-se e trifurcam-se outras de menor diâmetro, conectam-se a estas, os sistemas de irrigações de menor diâmetro, conectam-se a estas, os sistemas de irrigação mecânica. O processo irrigatório por aspersão é o que predomina. Escassa a água, escasso o braço, evaporação tremenda nos canais, simplicidade no método, eis o que fez o técnico decidir por tal sistema.

Não importa o preço; são lançadas as bases do empreendimento em termos de perenidade.

Por se tratar de irrigação mecânica é imperativo que a água flua nos canos sob determinada pressão. Igualmente por estar situada a gleba a irrigar em nível superior, impõe-se o bombeamento a 210 metros. Destas circunstâncias decorre que o projeto Neguev, tal como está funcionando, implica no emprego de nada menos que 30 mil cavalos de força.

A trama preciosa de canos primários e secundários se encontra enterrada a cerca de um metro de profundidade. Somente os pontos de conexão com as secundárias e de distribuição é que ficam sobre o solo. Assim, não há qualquer dificuldade para a movimentação das máquinas. É de se considerar um elemento novo na beleza da paisagem da Terra Santa: os jorros de água, projetados para o ar, como lenços de brancura imaculada, acenando para os camponeses com uma era de produção e de paz.

LAVOURAS - Lavouras as mais variadas, desde o sorgo ao milho, da beterraba ao tomate, da alfaça ao amendoim, do algodão aos campos de leguminosa, se submetem ao borrifo fecundante. Os pomares de frutas europeias, como a vide, o pêssego, a maçã, a ameixa e a laranjeira tropical, agitam as frondes ao afago da água que, sem violência, mas em açoites ritmados, lava-lhes a folhagem e lhes refresca as raízes.

Esse projeto irrigatório provê de água mais de 20 mil hectares de área irrigada. Estou me referindo a um acréscimo de 25 por cento de área irrigada e não irrigável, para distinguir bem de certos projetos governamentais em nossa terra em que se enchem as revistas vistosas perspectivas e só de perspectivas. Não se compreende em Israel que se invertam quantias para planos governamentais que não se traduzam nos efeitos para o que foram previstos. Só a linha adutora já pronta do Neguev custou 4 milhões e meio de libras israelitas, ou seja, em nossa moeda cerca de 200 milhões de cruzeiros.

O projeto completo do aproveitamento do Yarkon para a irrigação do Neguev já atingiu cifras enormes prevendo-se que ao final terá um custo de 100 milhões de libras israelitas, ou seja, 41/2 bilhões de cruzeiros. Mais de duas vezes, o projeto Paulo Afonso. Cerca de 2 anos das inversões do Departamento de Obras contra as Secas.

No Nordeste, a que não faltaram os recursos durante tantos anos, para um programa que se chama de combate às secas, a área irrigada mal excede uma dezena de mil hectares.

Em Israel, para um total de área cultivada de 328.000 hectares, 110 estão sob regime irrigatório.

POR QUE SE IRRIGA? – Porque será que em Israel se irriga e no Nordeste brasileiro se junta água, no dizer pitoresco dos matutos, para o sol evaporar? É porque lá é necessário se irrigar; e aqui se diz que é necessário irrigar e se acena com as vantagens da irrigação; contudo, como se irrigar fosse uma prática agrícola que não se contabiliza ou de que se não exige a retribuição do esforço e dos capitais.

Aqui os engenheiros empolgados pela obra hidráulica lançam o açude gigantesco, descuidam-se dos canais e quando estes aparecem, uma fazenda oficial sem rentabilidade de inversões impressiona o visitante com a exuberância de alguns pomares, de algumas tamareiras, lembrando um oásis. Mas rareiam os imitadores. O sonho azul nem chega a reverdecer, crestado à realidade de uma economia rural de frangalhos.

O agricultor israelense, servido por algum sistema irrigatório, se capacita da função econômica de água, dentro de sua compreensão da faina agrícola, como tarefa de sobrevivência individual e coletiva.

AGRICULTURA RACIONAL – Irrigar é só uma fase da complicada tarefa de produzir. Não se entende, portanto, em Israel, irrigar lavoura rotineira. Exercita-se agricultura racional sob todas as suas faces. Desde a mecanização à adubação, do corretivo do solo à sua proteção, do semeio à planificação econômica do que se planta e do que se colhe.

Lembro-me que, numa conversa com um agricultor kibutziano, dele ouvi loas a um companheiro que passara algumas semanas no kibutz para introduzir uma maneira nova de se pouparem movimentos das mãos do colhedor na prática rotineira de apanhar algodão.

A sacola coletora passou a ter outra forma e outra posição, o andar da colhedeira outra direção, a maneira de segurar a haste e os capulhos outra feição. Os resultados não se fizeram esperar. E no campeonato de mais rápida colheita do ouro branco, registrava no kibutz Bror Chail, que visitei, o nome de Rachel Romano como recordista nacional, com 179 quilos de algodão em oito horas de trabalho.

Tal compreensão da faina agrícola, para generalizar-se, pressupõe a inexistência de analfabetismo e a presença de um grau lisonjeiro de conhecimentos.

Pressupõe a consciência de que não haja outra solução para a sobrevivência e, se quisermos ser idealistas, pressupõe ainda um concepção do trabalho em termos tais em que o individualismo ceda terreno ao culto da solidariedade humana, exercitada em primeira linha dentro dos postulados sagrados do patriotismo.

COMPARAÇÕES QUE HUMILHARIAM - Em Israel ocorrem, simultaneamente, estes três fatores para que a agricultura se pratique em termos de técnica rigorosa e salvadora.

A matrícula escolar do estado foi no ano passado de 382 mil estudantes, excluídos os de ensino superior. Professores, 27 mil, ministraram conhecimentos à juventude de Israel. Não faço comparações que humilhariam. Mas, eis o primeiro fator de sucesso. Não há muita terra a dispor para o abastecimento agrícola de um povo de quase 2 milhões. Com uma densidade que se avizinha de cem habitantes por quilometro quadrado, ferveilha a população numa área em que as terras agrícolas rareiam. A área

atual em lavoura é de 382 mil hectares e não há como muito expandir, sendo como é fator limitativo a água, num país em que há apenas 3 rios que, no Brasil, seriam considerados pouco mais do que riachos.

Este o segundo fator a conduzir para a técnica.

REVOLUÇÃO AGRÍCOLA – o terceiro, o ideal entendimento da função do trabalho agrícola em termos de solidariedade humana surpreende-se em Israel de uma maneira inédita. É na pátria dos que no mundo se apresentam como os amealhadores de fortunas que se encontra a organização do trabalho coletivo em condições de desprendimento que lembram a vida em comum dos cristãos do primeiro século.

Para uma revolução agrícola como a intentada pelo Estado israelense, não seria possível fazer-se exploração individualista em pequenas propriedades.

Impunha-se a fusão destas, a formação de maciças glebas que acondicionassem operação eficiente dos maquinismos e, sobretudo, planejamento econômico da faina rural.

E se em agricultura a inversão é imperativa, não seria possível, lá como aqui, a disseminação do crédito sem bases de rentabilidade em frações de fazendas em mãos inábeis e sob direção precária.

ORGANIZAÇÃO COLETIVISTA – Considerações como estas terão levado o Estado israelense a fomentar a organização coletivista da exploração da terra, enquanto o sentido religioso, o grau de cultura e o imperativo da solidariedade em face dos perigos e das dificuldades, e uma dose imensa de idealismo, terão sido a base e a inspiração de todo este movimento social assombroso.

E como será esta concepção coletivista da agricultura?

Sem descer aos detalhes de sistemas variáveis de associação, limito-me a registrar os dois principais, o *kibutz* e o *moshav-ovdim*.

O primeiro é a fazenda coletiva no sentido da palavra. O segundo seria a aldeia cooperativista, no sentido mais limitado.

Ambos se regem pelo princípio salutar da repartição sobre muitos ombros dos esforços de produzir e viver. Ambos se repartem os galardões das messes duramente conquistadas.

Em vez de descrever a organização de um *kibutz* julgo melhor contar a minha visita a um deles. Visitei diversos, e conversei com os dirigentes de meia dúzia deles. Conto apenas o que se passou na minha visita a Bror Chail, constituído inteiramente de israelenses vindos do Brasil. Nem quero me valer de esplêndido livro escrito sobre o mesmo. Valho-me das minhas notas, colhidas no percorrer dos campos, na espera da hora da refeição, durante o convívio agradável de um almoço frugal, quando, a todo o propósito, formulava perguntas e recebia singelas e sinceras respostas.

Do Brasil vieram fundar o kibutz Bror Chail

Acabara de visitar a cidade litorânea de Ashkelon, admirando a pertinácia dos que em seu derredor descobrem, com escavações perseverantes, relíquias de um passado romano remoto e evocativo.

Sempre por estradas asfaltadas transcorro o vale de Bror Chail em suas principais direções, descansando a vista da paisagem tortuosa que antes me inquietava, com a recompensa da fertilidade que surpreende.

Estamos em época de calor. As chuvas apenas se prenunciam. As escassas chuvas do vale do deserto do Negev, de quem Bror Chail se avizinha, com a orla reverdecida.

Terrenos planos, ondulações suaves na direção do litoral que, a 15 quilômetros, é mar. Diviso ao longe os altos cubos dos silos de concreto no topo de uma elevação. Edifícios se espalham num desalinho impressionante. É que as edificações antigas, rústicas para não dizer paupérrimas, ainda estão de pé enquanto novas edificações bem dispostas e bem construídas as vão substituindo para a harmonia funcional do com junto. Já estou mais perto. O carro desliza veloz numa estrada de primeira ordem. Um monumento singelo, em memória de dois kibutzianos que morreram sob as balas traiçoeiras de algum inconformado. Agora já em caminho vicinal, entro de surpresa no pátio maior do conjunto maciço de edificações.

Onde está o edifício dos escritórios? Não o encontro. Kibutziano amável leva-me, entretanto, para uma residência das mais novas. Ali se acercam de mim os principais da comunidade. Todos falam português. Todos vieram do Brasil. E não vieram da zona pobre de minha terra. Vieram da feracíssima e privilegiada terra piratininga e de Estados vizinhos. Uma sala modesta. Cadeiras modestas, mesa desarrumada. Ali mesmo conversamos. Apresentaram-me o prefeito Senhor Efraim Bariach, o tesoureiro Josef Etrog, o administrador geral, Nahum Fasa, o tratorista Karabishevski. Ninguém quer mesmo título algum. Apenas se apresentam pelas funções que exercem. Cerca de 200 pessoas, elementos de trabalho, ali se congregam e detêm para cultivar uma área de 650 hectares.

COMO É O KIBUTZ – A conversa ruma para as linhas mestras da organização. Congregaram-se ali voluntariamente. Pertencem as terras ao Fundo Judaico; foram-lhes confiadas para trabalho. Pertencerão definitivamente ao kibutz, quando pagas em decênios de exploração. A mesma agência financia, inclusive, toda a aparelhagem e todas as inversões. Juros ínfimos, prazos longos. Edifícios funcionais, estábulo, paiol, armazéns, silos, casa de máquinas, serviço de água. Edifícios da comunidade, o refeitório, funcionando como salão de reunião. As casas dos kibutzianos casados e solteiros. Um quarto, uma saleta, escritório, banheiro. Não importa o número de filhos, que estes tem seu alojamento coletivo. Creches, jardim de infância, grupo escolar, colégio. Tudo em conjunto. Tudo para todos. Tudo dentro da modéstia de recursos e dentro dos melhoramentos que a crescente produção assegura.

Muitas máquinas modernas, dos arados às grades, das semeadeiras às adubadeiras, maquinismo para combate à praga, colhedeadoras de milho e de forragem. Máquinas de ordenhar. Rebanho finíssimo de animais de leite com índices de produção acima de quatro mil litros por ano. Ovelhas e aves. Tudo convenientemente instalado, mas sobriamente dotado. Mas isto é a sede. Quero ver os campos. Está na hora do almoço. Vamos primeiro ao refeitório. Salão modestíssimo, mobiliado com propriedade e parcimônia. Almoço com produtos do kibutz. Arroz, feijão, verduras, carne de ovino, galinha, ovos, frutos da terra. A conversa se anima. Como vivem estes duzentos kibutzianos?

Sociedade que se formou sem imposições. Ninguém tem dinheiro e ninguém ganha dinheiro porque o que recebe, mesmo fora das atividades agrícolas, comerciais ou industriais do kibutz, fica no monte. – O que todos ganham são utilidades. Roupas, sapato, transporte, remédio, comida, diversões, ensino, cultura.

Shalom, palavra que exprime a velha tradição de um povo

Deixemos agora a paisagem árida de Israel com a sua organização da agricultura e vamos a outro da atividade privada e governamental no sentido da recuperação da terra. Vamos ao norte do lago de Tiberíades visitar as obras de drenagem e saneamento da região do vale do Hule.

O pequeno lago deste nome é o resultado do ajuntamento da água que flui vagorosamente das nascentes do Jordão para o mar da Galiléia.

O leito primitivo do famoso rio obstruído, quem sabe, por um correr de lavas em movimento sísmico de antigas eras á não comporta todo o afluxo das águas do rio e das torrentes dos dias de chuva. Espalha-se água por toda a região ao redor, até a fronteira vizinha. Impunha-se drenar, aprofundar o leito do Jordão. Um simples projeto de engenharia hidráulica transformou-se num caso militar com reflexos internacionais. A proximidade de outro país condicionou um trabalho muito mais árduo que, não raro, era ao mesmo tempo conquista e defesa do solo pátrio.

O empreendimento foi começado em 1951. Fase por fase foi concluída até a última, o esgotamento total do lago, com a ressalva apenas de algumas lagoas propositadamente conservadas e reconstruídas, para preservação da fauna ornitológica preciosa.

Estive nos campos já cultivados, na estação experimental e fazenda oficial, justamente na véspera do rompimento da barreira que conduziria as últimas águas do Hule para o lago Tiberíades em leito ordenado e profundo. No dia seguinte o mundo oficial foi assistir à cerimônia. A imprensa se encheu de manchetes vitoriosas. Conquistava Israel para seu povo mais de 60 mil *dunams*, seis mil hectares de terra fertilíssima. Mas conquistava dentro das suas próprias fronteiras, para o mister pacífico e criador de agricultura intensa e produtiva.

ATÉ TULIPAS – No Hule vi as plantações mais belas da viagem. Algodão, batata, amendoim, cana de açúcar, tomates, tulipas para produção de bulbos a serem remetidos para a Holanda. Nem me escapou aos olhos de agrônomo uma plantação pujante do modesto “capim-cidreira”, o “capim santo” dos nordestinos, ali cuidado com especial carinho para a industrialização de essências nas fábricas de sabão e perfumarias.

Terra de turfa em seis mil hectares maciços é realmente uma riqueza que cobriria perfeitamente os gastos oficiais dos trabalhos da dissecação e drenagem.

HISTADRUT - Gostaria de focar o movimento obreiro do grande povo, concentrado no mais perfeito organismo trabalhista do Oriente Médio, a *histadrut*, com seus postos assistenciais, com sua administração modesta, com seus hospitais, suas escolas, seus regimes de financiamento, sua participação na ingente obra de reconstrução nacional.

Quem sabe, será talvez objeto de outros meios de divulgação. Mas uma coisa desejo deixar fixada.

Israel é um intenso laboratório de administração. Não será um país rico, não é um país de vasto território. É sim um país de um grande povo, que nem se mede apenas pelos quase dois milhões de entes humanos que se abrigam em suas fronteiras torturadas. Israel é uma nação que se mede pelo intenso de suas tradições, pela inumerável de suas contribuições para a história da humanidade.

IMPRESSÕES DE UM CATÓLICO – Católico que sou, não me esqueço jamais de que foi naquelas montanhas escavadas de Israel que o Divino Filho de Davi pregou as doutrinas que abraço. Nosso Senhor Jesus Cristo escolheu como palco para a boas nova, ora a paisagem agressiva do deserto, ora a ruidosa paisagem humana das cidades e das sinagogas. Deixou para ser levada ao mundo inteiro pela voz dos pescadores, como alísios plenos de verdade, um sentido novo da vida. Desta vida de paz que já naquele tempo era a sua palavra de ordem. “*Pacem meam do vobis*”. Eu vos dou a minha paz.

Quando, hoje, nas ruas israelenses, nas residências humildes ou ricas, nos amplos salões dos hotéis, nos encontros eventuais das filas de cinema, ou nos guichês dos teatros e do correio, hebreus de todas as idades se encontram proferindo a palavra de saudação “Shalom” paz, lembro-me de que, realmente, paz é o que se aspira dentro desta limitada fronteira do jovem país.

Sinto nesta saudação que significa um desejo de paz, a aspiração máxima de todo o povo que se apinha nas lendárias, tradicionais e ternas paisagens do berço do cristianismo. “Shalom” não é uma máscara de sentimento. É a explosão da milenar tradição do povo. Não importa que ali, na nova pátria, se cuide do material. Não importa que naquela jovem nação milenar com 2.935 quilômetros de estradas pavimentadas de rodagem se somem à trama de ferro de 611 quilômetros de ferrovias.

Não importa que a renda nacional cresça em índices lisonjeiros para uma nação de dez anos de existência. Não interfere que os portos se apinhem de navios, que os exércitos se modernizem, que os edifícios majestosos e funcionais se ergam nas cidades novas que dobram de população em quinquênios. Akko tinha, em 1946, três mil habitantes, agora possui 25.000. Todo este progresso material não desfaz o sentido espiritual da civilização de um povo que a moldurar a juventude de um decênio de existência legal, tem milênios de anseios pela felicidade, tem milênios de caminhada para destinos que transcendem as concepções materialistas da vida.

Quero, daqui, da terra de Santa Cruz deste meu Brasil querido e amigo de todos os povos que estimam a liberdade, sentindo-me envolto neste ambiente de simpatia e bondade enviar, ao concluir estas reportagens, a minha mensagem de saudade ao jovem país que visitei.

Não se exprimirá apenas nos reflexos de uma lembrança imorredoura de mil gentilezas de que ali fui alvo. Nem do deslumbramento daquelas paisagens pletóricas de beleza, ungidadas de transcendente significado para minha alma de cristão, de político e de técnico; paisagens que levo gravadas na memória, com emoção e carinho.

A mensagem que envio ao Governo e ao Povo de Israel, que ainda não escreveram no papel a carta magna que todos levam no coração, é e sempre será, a mensagem de paz. Desta paz que nós, mercê de Deus, já escrevemos como axioma sagrado em nossa Constituição.

A mensagem que envio é aquela palavra singela que mil vezes ouvi sob os céus de Israel. “Shalom”. Paz. É o que desejo ao povo hebreu. Que o anseio de viver da admirável nação se recubra dos carismas da paz que a milenar civilização justifica e assegura.

Que se concretize, povo de Israel, que se concretize, jovem nação milenar, em centenários de paz o vosso supremo direito de viver. “Shalom”. Mil vezes “Shalom”.

ORÇAMENTO DO KIBUTZ – No fim do, ano, vota-se o orçamento do período entrante. Planeja-se tudo para que tudo se orce. Na coluna da receita, encontra-se o que se prevê apurar da lavoura variada, dos salários que acaso alguém pensa receber de atividades extra-kibutzianas, dos empréstimos negociados. Na coluna das despesas, o custo do que se planeja com esmero. Máquinas que serão compradas, edificações, melhoramento, adubos, inseticidas, gastos individuais, com transporte, hospedagem em trânsito, pequenas despesas dos que excursionam, medicamentos, serviço médico, instrução. Tudo enfim que seja despesa de um agrupamento econômico e de uma família que se conta por mais de duas centenas de elementos ativos e correlato número de dependentes.

Como nos conventos beneditinos, a roupa é distribuída semanalmente, devidamente lavada e passada, como antes fora comprada dentro dos padrões limitados que atendem, até certo modo, o gosto dos que a vão usar. Sapatos, idem. Enfim, não é uma ficção, o salário de todo o esforço imenso de produzir é traduzido em condições de viver.

Mas aquelas residências tão pequeninas intrigavam-me até que pude compreender como o trabalho de manutenção das famílias era compartilhado por todos. Para que casas maiores se o refeitório era comum, as crianças se criavam, se educavam, faziam sua vida nas dependências coletivas do kibutz? Lá estava a creche, lá estava o jardim de infância, onde 5 ou 6 crianças eram cuidadas por uma kibutziana com especialização em puericultura. Lá estava a escola. O internato ruidoso, a sinagoga recolhida. Ansiando por ir ao campo perguntei onde estava a produção que assegurasse esta organização igualitária em níveis modestos, mas condignos.

Não tardei muito a tocar com as minhas mãos o tapete verde das alfaias irrigadas. Os laranjais, os renques de pêsegos e maçãs. Na planície esfarelada pelas grades possantes realizavam-se a limpa e a monda de modelar a plantação de beterraba. Máquina engenhosa desempenhava com dois homens o trabalho de duas dezenas deles.

O QUE SE PRODUZ – Tomei nota: 30 hectares de laranjeiras, 30 de alfafa, 20 de milho, 10 de beterraba, 10 de amendoim, 50 de outras culturas. Tudo sob intensa adubação, sob intensa irrigação. Os canos cinzentos de ferro-alumínio se estendiam sobre a terra em instalações provisórias conectadas com as tomadas permanentes. O borrifo alvo da água fecundante, desenhando no verde da lavoura as rendas bizarras da chuva mecânica, controlada, criadora.

Não se diga que tudo isto era feito como experiência. Não. Este o espetáculo que presenciei em todos os kibutzim que visitei ou a cujo lado passei, nas magníficas estradas. O nível de vida daqueles kibutzianos se representava por utilidades e serviços correspondentes a quantia superior ao salário-mínimo da região. Outros kibutzim, mais velhos, mais prósperos, coadjuvados na renda agrícola com a renda industrial correlata, tinham utilidades e serviços de maior preço. Mas em nenhum havia luxo. Em todos havia, sim, uma compreensão encantadora da missão elevada da vida. Um grau de cultura de espantar.

ALTO GRAU DE CULTURA – O tratorista cuja habilidade admirei na monda das fileiras delicadas de beterraba, falava além do hebreu, do português, também o inglês e entendia o francês. Aperfeiçoara seus estudos de humanidades trazidos de São Paulo, nos colégios de Israel. Só assim se compreendia a marcha vitoriosa da

organização. As deliberações eram conscientes, como consciente e voluntário o engajamento do kibutziano na comunidade, depois de um ano de aprendizado. Se no kibutz Bror Chail motivos religiosos me pareceram escassos, noutros predominavam razões do sobrenatural, da tradição milenar mosaica, na união comunal do homem à terra. Já nos *moshavim* as diferenças de vida de vizinho a vizinho se notam. O *moshav ovdim* será mesmo a vila cooperativa. Algumas tarefas em comum. Melhor dito, alguns empreendimentos em comum. A propriedade, porém, permanece tanto quanto permanece o maior ganho pelo maior esforço ou, diria alguém, melhor sorte. Mesmo os pedaços de terra que os habitantes cultivam, podem ser maiores ou menores. Mas as vendas serão em comum, e certos tratos culturais implicando extensão e volume, partilhados por todos. Em síntese: a cooperativa clássica levada aos extremos de generalização e compelida a estes extremos pelo sentido de solidariedade em face dos perigos e da guerra imensa contra a miséria e o desemprego.

Não me quero estender sobre as instalações rurais que visitei, as fábricas, as centrais de benefício do algodão, de amendoim. Os estábulos, os aviários. Encheria o tempo e o papel. Mas ressalto que nos *kibutzim* como nos *moshavim* há realmente planificação previdente. Ninguém compreenderia uma lavoura desafinada, ao sabor das preferências individuais. Isto porque a agricultura não é só decorrência da existência da terra, da água, do adubo, da semente, do trabalho humano ou das máquinas. Agricultura tem que ser também e, principalmente, decorrência do mercado. No país todos conhecem este mercado porque todos, claro que em tese, têm suficiente instrução para dele se capacitarem.

Vigilante ainda está o Estado de Israel na sua gigantesca tarefa, velando, prevendo, provendo. Prevendo estabilidade e progresso econômico geral, até por largos termos, como é o caso das florestas que somente daqui a decênios serão retábulos alfanados na paisagem então não mais desolada da Judéia. Os problemas agrícolas como os de adubo, o Governo soluciona plenamente no tocante a três elementos essenciais. O azoto, o único que não está resolvido mas está equacionado, será decorrente da exploração do petróleo, já suficiente para mais de dez por cento do consumo local, com esperanças de auto-suficiência. O potássio retira-se do Mar Morto. Uma fábrica modelar e sem luxo, visitei-a em memorável manhã. Paisagem inédita, de uma região a 400 metros abaixo do nível do mar. Se no lago do Tiberíades – 200 metros – deslumbravam-se os reflexos de ouro sobre o viridente das margens – no mar Morto é a terra amarelada das barrancas qual gama de ouro velho conduzindo ao vale, é a estirada pardacenta do deserto que atravessei, é o lucilar dos reflexos do sol que estonteia a alma da gente num deslumbramento de incrível beleza.

As espumas brancas dos cristalizadores, os montões rebrilhantes do sal de cozinha, alvo como neve, o amarelecido do potássio não refinado, as piscinas imensas dos evaporadores, as orlas caprichosas dos diques, como se amontoam na minha memória num turbilhão de pinceladas da paisagem inédita que nunca mais me sairá da retina. Mas a movimentar o quadro estático e lindo, lá vão as filas de caminhões gigantes percorrendo a fita cinzenta do asfalto em demanda ao Neguev, à procura das ferrovias. Levam o potássio indispensável para a fertilização da terra.

E mais ao Sul, na região de Eilat que não visitei, estão as minas de fosfato que asseguram o terceiro elemento de fertilidade que as fórmulas de adubação da terra israelita reclamam e exigem.